



**MADAME SATĂ**



# “A DOR É A DELÍCIA DE SER O QUE É”

## A LENDA DA MADAME FILHA DO TAMBA-TAJÁ

### Filipi Navegantes

Professor, sociólogo, babalorixá, bacharel em Direito e futuro historiador. Agente de segurança socioeducativo no Degase atua, hoje, junto a Divisão de Equidade da Escola de Gestão Paulo Freire.

**P**reto, nordestino, itinerante, pobre, escravizado, pederasta, cafetão e transformista. Artista, visionário, malandro, expansivo, franco e territorialista. Detento, condenado, assassino, inocentado, trabalhador, artista, vítima e algoz. Analfabeto, consciente, travesti, cozinheiro, sambista, lúcido e griot. Performático, periférico, vingativo, amigo e antissocial. Pai, filho e espírito não-santo, amém. Uma prece; um sem sentido de adjetivações amontoadas que buscam rotular a quem a História não será jamais capaz de definir. Um fruto da terra Brasil em todas as suas nuances, cores, temperos, amarguras e sabores. Controverso, Satânico, Ícone.

O enredo desta aclamação é a polêmica humana em sua totalidade. A possibilidade de se referenciar sob um aspecto e encontrar no ângulo que se debruça a vilania ou a beleza faz-nos perceber que tudo é mera questão de ponto de vista. O fim é inconcluso, seja por se tratar de um imortal – que

assim sendo não permite em si finalizar, seja por não pretender formar aqui postulado do já assentido indecifrável. A trama se configura em só aclamar a vida. Um protagonista sem obra e nem cartaz, mas iluminado pelos lampejos viscerais do carnaval.

“Olha, enquanto eu for vivo a Lapa não morrerá.”<sup>1</sup>

A Lapa resiste, vive e entranha em suas ruas a história de João Francisco dos Santos, que tendo participado de um concurso de fantasia em um baile de carnaval, no ano de 1938, no Teatro República, Centro do Rio de Janeiro, ganha neste o primeiro lugar. Traveste-se de uma anedota sarcástica e devotada à sua origem, o morcego de Glória de Goitá, cidade do interior de Pernambuco.

Detido em flagrante delito por vadiagem poucos dias após a competição e, levado a depor, João recusa a identificar-se. Mas, há de se convir que reconhecê-lo não seria tarefa difícil, afinal, não era sempre que uma transformista preta viria a ser tão aclamada em famosa disputa! Reconhecido ali não por seu nome de batismo, mas pela icônica apresentação. É assim rebatizado, passando, então, a ser imortalizado pelo nome que o alcunha, personifica e toma corpo, como entidade que se apropria e assume gosto em se declarar.

A fama do ser certamente precede o nome, mas encontra nele a tradução do seu existir. Uma simbiose, almas gêmeas que não criam sentido em separados. João aos trinta e oito anos de idade já havia experimentado de tudo profissionalmente, sexualmente, criminalmente. Entre cadeias, condenações e absolvições, João, já conhecia homens, mulheres, assassinos e assassinados, teatros e espetáculos. Uma controversa personalidade que se traduzia ora pela virilidade imposta pela força da figura devotada à briga, ora pela feminilidade aguçada encarnada sob arte em sua dança, gestos e visual. A madame e o vagabundo habitando mutuamente um único corpo.

“Esse apelido (...) ganhei em 1938, no bloco Caçador de Veados, (...) Bem, havia o baile de carnaval e o concurso. Então eu me exibi com a fantasia (...) no Teatro República e ganhei o primeiro lugar.”<sup>2</sup>

Certo de que a vida não foi grande facilitadora a João, pois já aos sete anos de idade fora trocado por uma égua, tendo sido logo em seguida escravizado. Aos treze anos de idade, já vivendo no Rio de Janeiro, passa a ser morador de rua e encontra no bairro da Lapa o chão que sustentaria a fama de sua trajetória. Viver na rua é alimentar-se do que a rua dá e, assim, os pequenos furtos, os delitos, a sexualização precoce... foram desde logo fazendo parte do cotidiano desse dubitável herói - que mais do que só existir



necessitava resistir.

João rapidamente entendeu, como instinto de sobrevivência, que a vida na rua lhe exigiria muito mais do que sua malícia inata. Era preciso ser temido(!) - na terra Brasil ou lhe têm respeito ou lhe têm medo - desta sorte, não haveria de ter meio termo para quem carrega em si a cor da noite, filho do açoite recente e da chibata que insistia em não alforriar.

“O maior malandro do Rio de Janeiro que eu conheci de 1907 até a época de hoje foi o que me ensinou a ser malandro e me conheceu com nove anos de idade, foi o falecido Sete Coroas, que morreu em 1923. Quando ele morreu já me deixou de substituto dele na Saúde e na Lapa.”<sup>3</sup>

‘Sete Coroas’ foi para João, assim, uma espécie de mentor e guia, ensinando a João a única alternativa de resistência que reconhecia - a artilharia da subversão - a malandragem. A arte de ser malandro foi a arma de ataque e o escudo de defesa que permitiram a João mais do que sobreviver na vida a ludibriar a morte. O herdeiro tomara por espólio de seu mentor o gosto colérico - ou, justiceiro - de uma boa contenda.

A reconhecida e temida agressividade que manifestava em João sua selvageria não eram dotadas de irascível descontrole, antes disso, seu ímpeto estava a serviço de sua alma inconformada e justiceira.

A fúria de João tinha seus arreios, não era cega tal qual a Justiça - com sua venda oportunista, selecionando sempre a quem punir e a quem favorecer. A dona da balança descia a venda de seus olhos para quem lhe aprazia, e assim, sua ponderação nunca favorecia a João. Para ela devia ser ele um eterno invisível. Desde seu nascimento até os dias da vida adulta nunca houve tempo em que a ‘senhora’ Justiça lhe fosse feita em benefício, menos ainda, que tivesse ela se acometido de rubor equitativo para reparar todos os augúrios a que João havia passado. Era, assim, uma eterna insistência dela em não lhe ver e assim não lhe reconhecer... ah! Mas, se a donzela não tivesse, assim, lhe visto por bem, então haveria de lhe ver por mal.

“Nunca briguei com paisano na minha vida. Essa mania da polícia chegar, bater e começar a fazer covardia, eu levantava e pedia para eles pra não fazer isso. Afinal de contas, se o sujeito estiver errado, eles que prendam, botem na cadeia, processem, tá certo. Agora, bater no meio da rua fica ridículo. Afinal nós somos humanos.”<sup>4</sup>

De fato, quando foi que a Justiça se deu à igualdade social? A humanidade? A paz? João não se deixaria arrastar por mera letra fria da lei, e, menos ainda, haveria de ver covardia e se abster... Matar por ser preto, bicha, mu-

lher, criança, velho, puta?! Matar por ser o que se é?! Cada um só é o que é capaz de ser, 'cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é'.<sup>5</sup>

- Sempre fui, sou e serei!<sup>6</sup> - diria João quando perguntado, certa feita, sobre sua homossexualidade.

E a vida de João foi seguindo assim, um sem rumo de muitos rumores. Não seguia regras e menos ainda se impunha sob nenhuma autoridade. A lei que haveria de reconhecer, antes de tudo, estava intrinsecamente sob a égide de sua translúcida consciência e em sua hábil capacidade de elaborar pensamentos, métodos e modos. Leal a si, a seus princípios e ideais, primordialmente.

Ao que possa parecer, a anarquia, tampouco, era sua filosofia, afinal, as regras de sua moral se impunham per se; sua autoética acurada é que fazia a acusação, a defesa, o veredito e, sobretudo, a execução. Era, em si, a personificação da tríade fundadora de seu conceito: o Tribunal, o advogado e o capataz. Cada um lhe teria o que fosse preciso.

“Eu estava sentado ali no Canaã e entrou um Sargento do Exército e me deu seis tiros. Não me conhecia, não sabia quem era eu, eu nunca tinha visto ele, não avisou nem nada, de uma mesa pra outra. Quando ele acabou de dar o último tiro guardou a Mauser e saiu pela porta afora. Eu olhei prum lado e olhei pro outro, não vi sangue e falei: ‘bem, então estou vivo’. E saí correndo atrás dele.”<sup>7</sup>

Sobrevivente, sem parentes, sem afeto, sem voz, sem chance e sem perspectiva, um cem de tantos sem. A terra que o pariu tramou todos os dias seu fim, mas para o desgosto de sua Pátria Mãe, o filicídio foi mal-sucedido. João sairia da quase morte cotidiana para brilhar, à sua moda. Lantejoulas, frufus e paetês reluzentes o fizeram renascer como a fênix mitológica, africanizada, adornada e sacudida tal qual “Mulata do Balacochê”.<sup>8</sup>

Plumas, aljofres e pedrarias adornavam o corpo de João, que em 1928 estreava sua performance artística no espetáculo ‘Loucos em Copacabana’. Viria a ser aclamada e apoteótica. O gingado dos quadris, o rebolado das mãos, a presença viva e voraz - tudo era a expressão de sua alma, tudo era traduzido ali: livre! Nem homem, nem mulher, nem masculino e nem feminino: artista, o era! E seria ousado dizer que fora a primeira vez que, em sua plenitude, João se sentia vivo. O gosto pelos palcos lhe acalmaria os ânimos e inebriaria sua ira, aludindo, assim, que sua paz advinha do aplauso e do público.

'Tamba-tajá', folhagem amazônica, que insiste na vida mesmo sob rude



condição e secura, que sendo plantada sobre asfalto necessita driblar a dureza dele, fora de seu hábitat, ainda assim, resiste. Assim, haveria de ser João que, mesmo estando submetido a toda sorte de azares, experimentava inofensivo, qual vegetação, ao doce prazer de se reinventar e permitir-se a estar em paz com a Paz.

Estando sentado no boteco abaixo do sobrado em que morava e tendo vindo de seu espetáculo, João, estava radiante, extasiado, comendo seu jantar como quem participa de um banquete dos deuses. Sentado em outra mesa o 'demônio' o observava, o escárnio advinha de suas palavras: "Viado!"<sup>9</sup>

João, mantinha em si a tranquilidade de seu êxtase e já havia definido que não iria se abalar, nem se deixar levar por pífia atrocidade.

Sendo certo que o 'Belzebu' gosta mesmo da contenda e não se deixaria facilmente ignorar, mais xingamentos e pronunciamentos vinham de Adalberto<sup>10</sup> que, no intento de desestabilizar João, estreava seu show de horrores e depravações. Adalberto, continha em sua farda policial a ostentação de seu ofício - um homem não deve ignorar a lei, exibido com seu 'falo-cacetete', passa a agredir João que, com o supercílio aberto pelo golpe covarde, decide engolir à seco a amarga ofensa e retirar-se sem maiores danos do boteco.

A Paz parecia mesmo não se sentir confortável na vida de alguém de pele preta, e com João não haveria de ser diferente - a almejada Paz devia ser privilégio branco, com seu ar pálido, alvo, que não se mistura e nem permite cor; que não troca afetos e nem se atém a preces de amorenados.

Um homem honrado não se deixaria apanhar calado. A cabeça de João, certamente, lhe cobrava uma resposta ao tamanho desrespeito sofrido, afinal, a fama de um ser se faz pelo que se espera dele. E assim, então, o que esperariam que João fizesse?! O que esperar do malandro afrontado que não se acovarda diante de imposição alguma?!

A resposta lhe veio em ação. Arma na mão. João desceria as escadas de sua morada, certamente, ansioso por palavra atravessada. A afronta veio. O tiro também. Adalberto cairia morto na esquina da Lavradio com a Mem de Sá.<sup>11</sup>

"Bala que saiu do meu revólver só matou esse, porque os outros era a polícia que matava e dizia que era eu."<sup>12</sup>

A Lapa tinha um dono e sua fama precisava antes de sucumbir, persistir!

Viria a defender a Lapa muito mais vezes, tal qual onça pintada que protege o espaço que habita. João era onça. Inofensivo e paisagístico como planta e voraz e sanguinário como onça. “Tamba-tajá” também é onça encarnada! A lenda<sup>13</sup> que dá nome à planta também apelida João que, bastando ser provocado, esgueirava-se em ataque.

“E Tamba- tajá não é francês não, é indígena. (...) Quando um nome tava muito cheio de processo eu dava outro.”<sup>14</sup>

Em um estado de negação, existir é contradição e a resistência de insistir é pura malandragem. Muitos nomes existiam, outros nomes deixaram de existir. Em cada denominação morria um pouco João - aquele menino inocente, advindo da zona da mata de Pernambuco - mas, nas grades e nas ruas nascia, do tormento, o nome que se tornaria lenda. A lenda do homem travestido de Dama de Vermelho<sup>15</sup>. A Estrela da noite do carnaval; renascida da Quarta-Feira de Cinzas, filha das ruas da Lapa com a Glória de Goitá, fruta nativa do “Tamba-tajá”, o epíteto e a epígrafe: **Madame Satã**.

Madame Satã respondeu em sua vida a vinte e nove processos criminais, tendo sido condenada em dez deles. O ano de 1928 marca profundamente o caminho de Madame Satã que, além de inaugurar sua performática teatralidade, também inaugura sua estadia na prisão. Foram ao total vinte e sete anos e oito meses intercalados dentro de um presídio.

Satã se torna ícone já em seu tempo, envolta em lendas urbanas e histórias de realismo fantástico é, sem dúvidas, o maior símbolo da malandragem carioca, contribuindo fortemente para o fortalecimento de uma cultura marginal.

A antítese entre o amor e o ódio. Satã não vem a ser aclamada por mártir, tão pouco pertence ao rol dos sórdidos criminosos. É antes fruto nativo de um retrato social no qual o abandono de políticas públicas continua a gerar descaso, desrespeito e desumanidade atroz que criminaliza, ainda hoje, a pobreza - tendo nas pessoas de pele preta seu apogeu de desmazelo.

Madame Satã não é, assim, exemplo de conduta ilibada, mas traz na sua força a marca revolucionária autêntica e combativa a todas as formas de opressão. Madame é entidade imortalizada por toda sua performance e consciência; é corpo eternizado e periférico por toda sua visceral indignação; um grito ancestral(!) que fomenta a quebra das estruturas racistas e insufla à luta para o utópico tempo da liberdade de ser!

**“SATÃ SÓ TEM EU NO BRASIL INTEIRO!”<sup>16</sup>**



## NOTAS

1. Madame Satã (1971). «Madame Satã». O Pasquim (entrevista) (nº 95 - 29/04 a 05/05/1971). Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Chico Júnior, Jaguar, Paulo Garcez, Paulo Francis, Fortuna. Rio de Janeiro. p. 5. Consultado em 17 de janeiro de 2023.
2. Madame Satã (1971). «Madame Satã». O Pasquim (entrevista) (nº 95 - 29/04 a 05/05/1971). Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Chico Júnior, Jaguar, Paulo Garcez, Paulo Francis, Fortuna. Rio de Janeiro. p. 3. Consultado em 17 de janeiro de 2023.
3. Madame Satã (1971). «Madame Satã». O Pasquim (entrevista) (nº 95 - 29/04 a 05/05/1971). Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Chico Júnior, Jaguar, Paulo Garcez, Paulo Francis, Fortuna. Rio de Janeiro. p. 5. Consultado em 17 de janeiro de 2023.
4. Madame Satã (1971). «Madame Satã». O Pasquim (entrevista) (nº 95 - 29/04 a 05/05/1971). Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Chico Júnior, Jaguar, Paulo Garcez, Paulo Francis, Fortuna. Rio de Janeiro. p. 3. Consultado em 17 de janeiro de 2023.
5. VELOSO, Caetano Emmanuel Viana Telles. Dom de iludir. In: COSTA, Gal. Minha Voz. 1982.
6. Madame Satã (1971). «Madame Satã». O Pasquim (entrevista) (nº 95 - 29/04 a 05/05/1971). Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Chico Júnior, Jaguar, Paulo Garcez, Paulo Francis, Fortuna. Rio de Janeiro. p. 2. Consultado em 19 de janeiro de 2023.
7. Madame Satã (1971). «Madame Satã». O Pasquim (entrevista) (nº 95 - 29/04 a 05/05/1971). Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Chico Júnior, Jaguar, Paulo Garcez, Paulo Francis, Fortuna. Rio de Janeiro. p. 2. Consultado em 19 de janeiro de 2023.
8. DURST, Rogério (1985). Madame Satã: com o diabo no corpo. São Paulo: Brasiliense. p. 16 e 17.
9. DURST, Rogério (1985). Madame Satã: com o diabo no corpo. São Paulo: Brasiliense. p. 17 e 18.



10. DURST, Rogério (1985). *Madame Satã: com o diabo no corpo*. São Paulo: Brasiliense. p. 17 e 18.
11. DA SILVA, Geisa Rodrigues Leite (2013). *As múltiplas faces de Madame Satã*. Rio de Janeiro: Eduff. p. 18
12. *Madame Satã* (1971). «Madame Satã». *O Pasquim* (entrevista) (nº 95 - 29/04 a 05/05/1971). Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Chico Júnior, Jaguar, Paulo Garcez, Paulo Francis, Fortuna. Rio de Janeiro. p. 3. Consultado em 20 de janeiro de 2023.
13. GUNFAREMIM. *Tamba-taja 2- Patiòba (Xanthosoma atrovirens appendiculatum)*. 02/03/2019. Disponível em: « <http://gunfaremim.com/?p=2100> ». Consultado em 24 de janeiro de 2023.
14. *Madame Satã* (1971). «Madame Satã». *O Pasquim* (entrevista) (nº 95 - 29/04 a 05/05/1971). Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Chico Júnior, Jaguar, Paulo Garcez, Paulo Francis, Fortuna. Rio de Janeiro. p. 4. Consultado em 20 de janeiro de 2023.
15. *Madame Satã* (1971). «Madame Satã». *O Pasquim* (entrevista) (nº 95 - 29/04 a 05/05/1971). Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Chico Júnior, Jaguar, Paulo Garcez, Paulo Francis, Fortuna. Rio de Janeiro. p. 4. Consultado em 20 de janeiro de 2023.
16. *Madame Satã* (1971). «Madame Satã». *O Pasquim* (entrevista) (nº 95 - 29/04 a 05/05/1971). Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Chico Júnior, Jaguar, Paulo Garcez, Paulo Francis, Fortuna. Rio de Janeiro. p. 5. Consultado em 22 de janeiro de 2023.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAEZZO, Sylvan. Memórias de Madame Satã. Rio de Janeiro: Lidador, 1972.

DURST, Rogério. Madame Satã: com o diabo no corpo. Reprint. São Paulo: Brasiliense, 2005, 80pp., ill., b&w photos, 12mo, bds. (Encanto Radical, n. 68). ISBN 85-11-03068-9 1st ed., 1985.

RODRIGUES, Geisa. As múltiplas faces de Madame Satã: estéticas e políticas do corpo. Niterói: Ed. UFF, 2013.

## IMAGENS

1. Imagem de Madame Satã – Acervo do Arquivo Nacional